

'Brokeback Mountain' ganha versão teatral

PÁGINA 3



Grupo Solista Qué Base faz quanto shows no Sesc

PÁGINA 4



Museu Pompidou terá uma versão brasileira em 2026

PÁGINA 7



2º CADERNO

Filipe Aguiar/Divulgação

Por Affonso Nunes

Em sua celebração de 115 anos, o Theatro Municipal volta a encenar, depois de quase três décadas, "Il Trittico", obra de Giacomo Puccini (1858-1924) composta por três óperas com a participação do Coro e Orquestra Sinfônica do Theatro Municipal. No elenco, grandes nomes da ópera como Ludmilla Bauerfeldt, Eiko Senda, e Edineia de Oliveira. Destaque para o tenor italiano Davide Tuscano e Lorena Pires, ganhadora do Concurso Joaquina Lapinha, que vão subir ao palco do Municipal pela primeira vez. A concepção e direção cênica são de Pablo Maritano, sob a regência de Carlos Vieu, artistas argentinos que também fazem o debut na temporada artística oficial do Municipal.

A obra reúne três óperas de um ato, de estilos e ambientes contrastantes, indo do sombrio drama realista de "Il Tabarro", passando pela emoção do drama romântico "Suor Angelica" para culminar na hilária "Gianni Schicchi".

"Il Tabarro" tem como cenário um atracador às margens do Rio Sena onde convivem personagens extremamente pobres. São estivadores, uma catadora de lixo, o dono de um pequeno barco transportador de carga, Michele, e sua jovem esposa. Giorgetta e o estivador Luigi mantêm um caso amoroso. Descobertos por Michele, este assassina Luigi e esconde o cadáver com o seu próprio capote. À chegada de Giorgetta, Michele



Gianni Schicchi

Três vezes Puccini

Depois de quase 30 anos, Theatro Municipal volta a encenar a trilogia 'Il Trittico'

Filipe Aguiar/Divulgação



Suor Angelica

Filipe Aguiar/Divulgação



Il Tabarro

abre o capote e revela o corpo do seu amante. O libreto é de Giuseppe Adami.

Em "Suor Angelica", uma jovem da nobreza, deu à luz um bebê fruto de uma relação fordocasamento, tendo sido, por isso, trancafiada em um convento. Depois de sete anos sem nenhuma notícia do mundo exterior, ela toma conhecimento da morte do seu filhinho. Angelica ingere veneno, mas se desespera ao pensar que, em pecado mortal, nunca verá a criança. Implora que a Virgem Maria lhe dê um sinal de graça e a santa revela-lhe a imagem do menino. Angelica morre perdoada, na certeza de que viverá na eternidade junto ao amado filho. O libreto é de autoria de Giovacchino Forzano.

Terceira e última ópera da trilogia, "Gianni Schicchi" conta a história do rico Buoso Donati que morreu e deixou toda a sua fortuna para os frades de um convento. Os gananciosos parentes contratam o trapaceiro Gianni Schicchi e este, fingindo ser Donati, dita um outro testamento contemplando os parentes, porém legando os bens mais valiosos a si próprio. Forzano também assina este libreto.

SERVIÇO

IL TRITTICO

Theatro Municipal (Praça Floriano s/nº - Cinelândia)
25 e 27/7, às 19h

Ingressos: frisas e camarotes (R\$ 80, individual), plateia e balcão nobre (R\$ 60), balcão superior e lateral (R\$ 40) e galeria central e lateral (R\$ 20)

CORREIO CULTURAL

Aline Arruda/Divulgação Netflix



Gabriel Leone lidera o elenco da série sobre o piloto

Série sobre Ayrton Senna chega à Netflix em novembro

A série sobre Ayrton Senna para a Netflix já tem data no calendário para estreiar. A produção vai abordar a vida pessoal e a carreira do piloto de Fórmula 1 e estreia no serviço de streaming em 29 de novembro. Gabriel Leone é quem interpreta o tricampeão mundial. No pôster oficial, ele aparece caracterizado como o automobilista

e segura um capacete nas cores verde e amarelo, marca registrada do piloto. A produção de seis episódios tem Alice Wegmann, Pâmela Tomé, Gabriel Louchard e Marco Ricca no elenco.

Leone tinha um ano de idade quando Senna morreu, em maio de 1994, mas sabe de sua importância para os brasileiros.

Bombando

Em carta para acionistas, a Netflix comemorou um crescimento acima do esperado entre os meses de abril e junho deste ano. A plataforma líder no streaming conseguiu 8,05 milhões de novos assinantes em todo o mundo.

Bombando III

A versão com publicidade, lançada em vários mercados, foi o que mais trouxe novos clientes este ano. Mas a Netflix entende que a publicidade é um complemento, pois os assinantes diretos ainda são os que rendem maiores ganhos.

Bombando II

Os resultados superaram as expectativas em todas as continentes. Apenas na Ásia, foram conquistados 2,8 milhões de novos assinantes. Os analistas esperavam que, no período, a plataforma conquistasse 4,87 milhões de novos clientes.

Bombando IV

Hoje a Netflix tem cerca de 277,7 milhões de clientes no mundo. A repressão ao compartilhamento de senhas e a introdução da assinatura com publicidade fizeram com que a plataforma tivesse seu segundo melhor primeiro semestre.

'A Megera Domada', clássico de Shakespeare, ganha versão musical infantil

Divulgação



A ação de 'Megera Domada - o Musical' se dá na escola WS, as iniciais de William Shakespeare

Direção do espetáculo em cartaz até domingo no Teatro dos Grandes Atores é de Cininha de Paula

A diretora Cininha de Paula assina uma nova versão de "A Megera Domada", desta vez com elenco infantil. O espetáculo fará quatro únicas estredas apresentações neste sábado e domingo (20 e 21) e no próximo fim de semana no Teatro dos Grandes Atores.

"A Megera Domada" é uma das peças mais famosas do grande dramaturgo inglês William Sha-

kespeare. A comédia narra as confusões criadas por um grupo de pretendentes pela bela e doce Bianca, após saberem da decisão de seu pai controlador: ela só se casaria após o enlace de sua irmã mais velha, a indomável Catarina, que é refratária à natureza dos relacionamentos amorosos da época. É neste cenário que entra Petruquio que, na busca por um casamento de interesse, se dispõe a enfrentar a fera.

Na peça, Catarina é uma garo-

ta bonita, mas possui uma personalidade forte. Seu jeito insensível assusta os garotos que a evitam por ser considerada muito durona, uma verdadeira megera. Já Bianca, sua irmã, é o oposto. Meiga e sensível, ela é a garota mais desejada da Escola WS. Mas o pai das meninas orientou Batista, o irmão mais velho, a não permitir que Bianca namorasse antes de Catarina. E é aí que está o dilema, pois nesse conflito, surge Petruquio, um garoto do interior que acabou de chegar na escola e aceita a difícil missão de conquistar a megera. Será que ele vai conseguir?

O espetáculo é resultado de um trabalho realizado por Cininha com atores mirins da CN Artes, que contam a história cantando e dançando, unindo o conhecimento artístico com o lúdico. A proposta é mostrar ao público como Shakespeare é atual, simples e principalmente cômico e musical.

O roteirista Leonardo Robbi adaptou a clássica obra de romance e comédia, a partir da história original, para os dias atuais. Todo o enredo se passa na Escola William Shakespeare (WS) que conta com aulas inusitadas de matemática, português e botânica.

No elenco estão os jovens atores Kael Sturne (Batista), Miguel Azenusa (Nicolas), Eloá Ataíde (Albertina), Valentina Moraes (Bianca), Valentina Danelon (Kiara), Enzo Lima (Grêmio), Giovanna Menino (Wandinha), Valentina Novais (Cris), Duda Leiva (Dora), Duda Raposo (Joaquina), Lara Carrijo (Catarina), Mari Coral (Bibi), Maitê Viana (Irmã da Mabi), Elisa Ribeiro (Ritinha), Alicia Bernardo (Dicinha), Lara Baroni (Magali), Laura Oliveira (Cidinha), Maria Poncci (Naomi), Davi Malizia (Petruquio) e Gabriel Murta (Hortencio).

SERVIÇO

A MEGERA DOMADA - O MUSICAL

Até 28/7, sábado e domingo (16h) | Teatro dos Grandes Atores (Av. das Américas, 3555 - Barra da Tijuca)

Ingressos: R\$ 90 e R\$ 45 (meia)

O teatro vai a 'Brokeback Mountain'

Trama ganhador do Leão de Ouro de Veneza e do Oscar vira peça na Cidade das Artes em montagem idealizada por Marcelo Brou sob a direção de Moacyr Góes



Divulgação



Divulgação

A montagem brasileira de 'Brokeback Mountains' traz os atores Marcéu Pierrotti e Júlio Oliveira (ao lado) nos papéis centrais; o longa dirigido por Ang Lee faturou ganhou o Leão de Ouro

Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

Laureado com o Leão de Ouro de Veneza e três Oscars, entre eles o de Melhor Direção para Ang Lee, "O Segredo de Brokeback Mountain" (2005) completa 20 anos e segue firme no posto de farol das representações da cultura queer nas telas. Sua gênese é um conto da escritora Annie Proulx sobre interditos amorosos numa América profunda que agora reverberam no teatro brasileiro com temporada se iniciando na Cidade das Artes, a partir de 7 de agosto, num projeto do ator e produtor Marcelo Brou, com a grife Moacyr Góes na direção.

O encenador constrói uma releitura da paixão entre os caubóis Ennis Del Mar e Jack Twist, vividos nas telas por Heath Ledger (1979-2008) e Jake Gyllenhaal. Em sua montagem, os personagens são encarnados por Marcéu Pierrotti e Júlio Oliveira, sendo que Brou está em cena como Ennis em sua fase madura, narrando passagens do enredo.

A premissa de "O Segredo de Brokeback Mountain" é o encontro de dois vaqueiros de índoles distintas numa reserva natural (Brokeback Mountains) onde vão pastorear gado. Ao passarem semanas isolados no frio, em más condições de trabalho, começam a criar uma intimidade que se transforma num romance intenso. Com o fim do trabalho, voltam às suas vidas, deixando um enorme pedaço de quem são na montanha.

'Todo o meu trabalho no teatro gira em torno da liberdade'

Na entrevista a seguir, Moacyr Góes fala sobre a dimensão romântica dessa imersão teatral numa love story que desafiou tabus.

O que o filme de Ang Lee trouxe de parâmetro para a representação das histórias de amor e o que você aproveita de referência do longa na peça?

Moacyr Góes: O filme se tornou icônico, creio, porque amplia e aprofunda a história de amor entre Ennis e Jack para além da atração física e da aventura. É uma história de amor e de seus impedimentos, que dialoga com nossa tradição na criação do amor romântico. A intolerância se torna maior e mais violenta por se tratar de um amor homoerótico, e o mundo ainda lida mal com isso. "Brokeback Mountain" é comovente e triste por ser profundamente humano.

Qual é o espaço de solidão e de interdição que se apresenta na figura de Ennis Del Mar e o que ela simboliza sobre a condição masculina?

Ennis Del Mar é um personagem belíssimo, que vive um imenso conflito interno entre seu desejo, sua atração e poucos instru-

ENTREVISTA / MOACYR GÓES, DIRETOR TEATRAL

forma intensa e profundamente sincera.

De que maneira essa trama dialoga com as transformações morais da sociedade contemporânea sobre o amor?

Dialoga na medida em que nos coloca diante da tragédia de vidas destruídas, pelo único "crime" chamado amor. Dialoga porque nos faz pensar e sentir sobre como temos, ainda, dificuldade de aceitar o outro, o diferente. Dialoga porque pode revelar em cada um de nós o que temos de monstruoso e autoritário.

Depois de dois espetáculos seguidos sobre a fé, em seu repertório recente, o que "Brokeback Mountain" representa para a sua busca de temas e de estéticas no teatro?

Representa muito. Foram dois espetáculos sobre a ideia do amor ao próximo, de uma ideia revolucionária de que somos todos iguais perante Deus, sem julgamento. Tenho clareza que há um nexo entre eles e "Brokeback". Todo o meu trabalho no teatro gira em torno da liberdade, da afirmação do indivíduo, do amor e, por consequência, uma investigação sobre o Mal, o preconceito e o horror possível de ser praticado. Há uns anos escrevi e encenei "Auschwitz 70", sobre a perseguição aos gays nos campos de concentração e nos gulags soviéticos. Essa nova peça também é uma investigação sobre o teatro, sua linguagem, outra paixão minha.



Divulgação

mentos pessoais para lidar com esse conflito. Sua solidão imensa vem também pela falta de coragem de fazer suas escolhas. Ennis tem a vida destruída por não conseguir ser quem é, e isso é trágico. Não vejo isso como uma condição masculina, mas como dimensão eminentemente humana. Agrava-se enormemente seu conflito por viver num tempo e num lugar de grande intolerância e preconceito, onde o diferente precisa ser aniquilado e o amor homoerótico é demonizado. Sua beleza maior é que ele vive seus conflitos de

A conexão pela música

A música como elo para conectar povos e difundir nossas origens.

Esse é o propósito do grupo Solista Qué Base, que chega ao Rio para uma série de shows pelo circuito Sesc, tendo início nesta quarta-feira (24) no Sesc Quitandinha, em Petrópolis, durante o Festival de Inverno, e segue pelo Rio nas unidades do Sesc em Ramos (25), em Madureira (26) e encerrando em Copacabana (30), sempre às 19h.

O grupo nasceu nas ladeiras do Pelourinho, Centro Histórico de Salvador, em maio de 2003, fundado pelo percussionista Anderson do Samba, filho do criador do Samba-reggae, Mestre Neguinho do Samba, referência para os maiores nomes da música baiana. Por conexão ancestral, ele se uniu ao trompetista norte-americano Graham Haynes (filho do lendário baterista de jazz Roy Haynes) e aos músicos e pesquisadores baianos Angelo Santiago (contrabaixo) e Gilberto Santiago (vibrafone) para trilhar um caminho fundamentado na pesquisa e na experi-



O grupo durante apresentação na série Sesc Instrumental

mentação de diferentes vertentes e linguagens da música percussiva da África.

Instrumentistas negros com formações musicais diversas, eruditos e populares, juntos para

Formado por músicos de várias formações, o grupo Solista Qué Base faz temporada no circuito Sesc

fazer a música instrumental que retrata o Brasil a partir das suas raízes. “A nossa musicalidade é

Giorgio D'Onofrio/Divulgação

a miscigenação de raças e culturas, levantando questões que envolvem o processo social do país, refletidas na vida cultural e artística brasileira. Questões tão importantes para a base de qualquer solista-cidadão do mundo”, explica Anderson do Samba.

SERVIÇO

SOLISTA QUÉ BASE

24/7, às 19h, no Sesc Quitandinha (Av. Joaquim Rolla, 2, Quitandinha, Petrópolis). Grátis
25/7, às 19h, no Sesc Ramos (Rua Teixeira Franco, 38). R\$ 10
26/7, às 19h, no Sesc Madureira (R. Ewbank da Câmara, 90). R\$ 10
30/7, às 19h, no Sesc Copacabana (R. Domingos Ferreira, 160). R\$ 10

Reverência à grande mãe que é a MPB

Antonia Medeiros refirma profissão de fé na música no álbum ‘Operária da Canção’

A cantora e compositora carioca Antonia Medeiros, apresenta o seu novo álbum autoral: “Operária da Canção”, já nas plataformas de música. Com produção musical de Gabriel Quinto, a artista apresenta sete faixas autorais inéditas, com ritmos bem brasileiros como baião, samba e samba-rock, em letras que trazem o bom humor e a sutileza característicos do seu trabalho, mas também canções densas e de desabafo,

mostrando o amadurecimento da artista de 27 anos, aclamada nas redes sociais, onde soma uma legião de mais de 1 milhão de seguidores.

Os feats de “Operária da Canção” são uma atração à parte. A canção que dá título ao álbum, já lançada previamente como single, tem a luxuosa participação de uma das maiores referências de Antonia, Zélia Duncan. “É um prazer e uma honra ter uma artista como



Antonia apresenta faixas autorais em ritmos variados

a Zélia, que eu sempre admirei, cantando uma música minha, no meu disco! São as minhas palavras, meus acordes, minhas notas! E eu sempre quis compor algo que

falasse sobre a minha experiência, pois apesar de vivermos num país muito cultural, o nosso meio é bastante precarizado. A música é quase um papo reto para aqueles

que, algum dia, me propuseram permuta”, brinca Antonia, que é filha da harpista Cristina Braga e do músico Ricardo Medeiros.

E na música “Será”, faixa densa, feminista e de protesto, ela divide os vocais com outro grande talento de sua geração, Juliana Linhares.

O álbum ainda traz “Essa Vida de Internet”, música divertida que brinca com a relação com as redes; “Água”, uma singela canção cantada com coro e toda à capela; “Novas Linhas”, um samba feminista que evoca a união das mulheres; “Esse Rapaz”, single já lançado; e “Razão de Ser”, faixa sensível que fala sobre aceitar sentimentos conflitantes.

“Quis apresentar um álbum com uma variedade estilística e linguística. Tem muitos ritmos brasileiros, de formas diversas, dentro dessa grande mãe que é a MPB. É um álbum que reflete o meu atual momento musical”, afirma a cantora.

Divulgação

Um álbum pensado e feito na estrada

‘Passe’, novo álbum do Oruã, foi poduzido ao longo de turnês do grupo carioca

Com o clipe “Caboclo”, o grupo Oruã lança seu novo álbum, “Passe”. O álbum é uma viagem sonora psicodélica e intensa que passa por tensões raciais, sociais e injustiças. Gravado ao redor do mundo desde 2022, o álbum está disponível em todas as plataformas via Transfusão Noise Records e chega junto do começo da nova turnê da banda pelos Estados Unidos com a Dad Bod.

“Este álbum foi feito na estrada, entre turnês e momentos oportunos para exercitar o fantástico mundo da ‘gravação em casa’, seja dentro de uma casa ou em um estúdio improvisado. Todas essas gravações foram feitas

Pan Alves



enquanto estávamos em turnê, enquanto passávamos por mais de 10 países. É um reflexo de onde viemos, porque nunca seríamos capazes de viajar e ver esses países se não fosse pela música”, conta Lê Almeida (vocal/guitarra), que forma a banda com Phill Fernandes (bateria), João Casaes (sintetizadores) e Bigú Medine (baixo).

O grupo combina elementos de post-punk, krautrock, guitarra brasileira e noise. Formado na cena independente carioca, realizou algumas turnês internacionais onde foi descoberto por Doug Martsch, líder da banda americana Built to Spill, o que fez com que Lê e Casaes colaborassem ativamente do último álbum “When the Wind Forgets Your Name”. Os brasileiros gravaram e mixaram no disco.

A discografia da Oruã se iniciou ainda em 2017, com o álbum de estreia “Sem Bênção / Sem Crença”, seguido por “Romã” (2019) e “Íngreme” (2021). Durante sua jornada, o grupo acompanhou de perto tanto a ascensão do extremismo político no Brasil quanto uma crescente consciência racial no país. Essas experiências moldaram sua música e os levaram a explorar novos territórios sonoros, levando Oruã a conquistar o mercado estrangeiro e fãs com sua mistura de influências brasileiras e rock experimental.

Com mais de 120 shows fora do país nos últimos três anos, a Oruã está com uma campanha de crowdfunding para financiar os gastos para uma nova turnê pelos Estados Unidos, incluindo burocracias e logísticas. O álbum está disponível em todas as plataformas de música.

UNIVERSO SINGLE

POR AFFONSO NUNES

Um projeto familiar

Projeto que une Victor Chicri e Vic Delnur, pai e filho, com uma química musical que vai do disco-funk ao brazilian boogie passando pelo samba-jazz e bossa nova, o álbum de estreia “Viver o Mar” será lançado em agosto e os primeiros singles - a faixa-título e “Alagoas” - estão disponíveis para audição nas plataformas digitais. Hoje morando nos Estados Unidos, pai e filho se reinventam e reencontram nas 11 faixas do debut, que conta com participações de Luciane Dom e Gabi Delnur.

Divulgação



Divulgação



Uma relação esfriada

Alessia Cara está de volta com o single “Dead Man”, lançado agora pela Def Jam Recordings. É o primeiro lançamento da artista vencedora do Grammy desde 2022 e dá início ao que promete ser seu maior e mais ousado capítulo até agora. Escrita por Alessia e Mike Elizondo, a faixa conta a história de um relacionamento amoroso que esfriou. Com batida animada, tem bateria jazzística, uma linha de baixo daquelas que não nos deixa de cabeça parada e melodia de piano turbulenta. A voz esfumaçada característica da cantora e coimpositora canadense.

Lais Lima/Divulgação



Diante da inação

A Bratislava, banda que une rock, pop e música brasileira, reflete a paralisia que sentimos muitas vezes em meio ao terror em “Casa em Chamas”. O single é parte do álbum homônimo da banda, quinto da carreira, que será lançado em agosto. “Essa é uma canção que fala sobre a incapacidade de se mover ou de agir, mesmo quando a gente percebe que a casa está pegando fogo”, conta Victor Meira, responsável pelas letras, vozes e teclados da banda, que conta também com José Roberto Orlando (baixo), Felipe Gonçalves (guitarra), Gustavo Franco (bateria) e Jonas Andrade (guitarra).

LINHAS DE FUGA

ALDO TAVARES

Em busca de Anselmo

Divulgação/HBO Max



Cena do documentário 'Em busca de Anselmo'

A cada 15 dias, dividirei a coluna Mora na Filosofia com Linhas de Fuga, onde deixarei rastros sobre filme, teatro, livro, poesia. Início com esta série documental da HBO Max, "Em busca de Anselmo", cujas imagens mostram o mal vertiginoso do poder-entre, forma refinada de arte, oposta à forma grosseira do poder-contra.

O poder-entre atravessou séculos sobre séculos acomodando-se na representação, por exemplo, na representação do rosto de cabo Anselmo, ou melhor, do ator Anselmo, como ele se qualifica. O senso comum sempre fixa a ditadura militar ou em tanques de guerra, ou em o coronel Carlos Brilhante Ustra ordenando torturas, ou no delEgado Sérgio Fernando Paranhos Fleury, desconhecendo que tais exemplos não revelam a natureza assombrosa do poder, natureza em seu estado singular, incomum ou, como diz Gilles Deleuze, em seu estado Anômalo, representado pelo ator Anselmo.

Ficar preso à memória histórica de Ustra e de Fleury importa, mas conhecer palavras que traçam as linhas do rosto de Anselmo significa dizer o entre de que o poder se serve para entregar guerrilheiros à tortura, à morte. Se Ustra e Fleury representam a morte nos calabouços da ditadura militar, cabo Anselmo é o caminho que conduziu a ela, estando entre o começo e o fim. Tudo ocorre no meio. Tudo se torna perigoso entre.

Caso você assista ao documentário "Em busca de Anselmo", perceba o sorriso do Anômalo; perceba sua expressão facial de vitória sobre a luta dualista, maniqueísta ou binária da guerrilha. Como diria Nietzsche, Anselmo está para além do bem e do mal e, porque dança acima do dualismo, o ator Anselmo viveu, durante um ano, com sua inimiga guerrilheira sob o mesmo teto em Recife, ou seja, o poder de que se serviu a ditadura militar criou laços afetivos no cotidiano do "lar-doce-lar": Anselmo amou a inimiga, e a inimiga amou Anselmo. Em nome do sentimento, a guerrilheira Soledad Barret ficou grávida, e Anselmo a entregou à morte.

Representando o que pulsa de mais refinado na microfísica do poder ou no poder molecular, o ator Anselmo é linha de fuga a serviço do Estado militar. Até hoje, as imagens "Em busca de Anselmo" me assustam, e o responsável por isso é seu diretor e roteirista, Carlos Alberto Jr, que nos revela como o poder-entre, representado pelo rosto-palavra do cabo Anselmo, levou à morte vários guerrilheiros. Se o poder-contra é a forma mais pobre de poder, é porque, diferente do poder-entre, não tem a potência do falso.

'Velhice reacende as emoções, não as empobrece'

Franck Ferville/Divulgação



A portuguesa Lídia Jorge recorre às vivências com a mãe num lar de idosos em 'Misericórdia'

Por João Gabriel Lima
(Folhapress)

O romance "Misericórdia" põs a autora portuguesa Lídia Jorge, de 78 anos, numa lista que inclui Milan Kundera, Doris Lessing, Umberto Eco, Philip Roth e Orhan Pamuk. Todos ganharam o prêmio Médicis Estrangeiro, atribuído a cada ano ao melhor livro traduzido para o francês. Em 2023, ela foi a primeira portuguesa a receber a honraria.

Seu livro, lançado agora no Brasil, se baseia numa experiência pessoal da autora, sem chegar a ser autoficção. Durante três anos, ela visitou quase diariamente o lar de idosos onde sua mãe passou os últimos anos de vida.

"Convivi muito com aquelas pessoas, vi as novas amigas que surgiam, como as pessoas resistiam, os namoros em geral platônicos", diz a autora, em entrevista feita no seu apartamento em Lisboa. "Era uma coisa de uma ternura extraordinária."

"Percebi que havia a noção de que restava pouco tempo de vida e, nesse momento, todas as emoções são reavivadas. As pessoas pensam que vai haver um empobrecimento dos sentimentos, mas acho que é o contrário. O que existe ali é uma exaltação de tudo."

O lar de idosos que aparece em "Misericórdia" pode ser lido também como um microcosmo da Eu-

A escritora portuguesa Lídia Jorge, que publica o premiado 'Misericórdia' pela Autêntica Contemporânea

ropa. Junto com os momentos ternos há cenas violentas e momentos de racismo e homofobia.

Em Portugal, como na maior parte dos países europeus, grande parte dos cuidadores são imigrantes. Isso possibilita um intercâmbio de culturas, mas também desperta a xenofobia. Há também o olhar desconfiado todas as vezes que desaparece algum objeto de estimação dos residentes.

"Paga-se muito mal por esses serviços, por isso os cuidadores logo partem para empregos melhores", diz a autora. "Isso cria relações dilacerantes às vezes, porque o idoso que aguarda o cuidado estabelece com facilidade laços de grande intimidade. E os cuidadores estão permanentemente a partir. Uma casa de idosos é como um cais de saída e um cais de chegada", reflete.

Uma das personagens mais interessantes do romance é a brasileira Lilimunde, cuidadora a quem a protagonista se afeiçoa. Separadas por um oceano e várias gerações, elas compartilham um segredo.

A interação entre as duas revela o olhar sofisticado da autora para as diferenças culturais.

Lídia Jorge apurou seu olhar para a diversidade durante períodos em que viveu na África como professora. Ela irrompeu na literatura nos anos 1980 com vários romances premiados, entre eles "A Costa dos Murmúrios", passado em Moçambique, uma crítica potente ao colonialismo português.

O cenário de devastação do coronavírus também surge no livro. "Minha mãe faleceu de Covid no dia 19 de abril de 2020, foi uma das primeiras vítimas no sul de Portugal", diz a escritora. "A última vez que a vi foi em 8 de março, porque no dia seguinte o lar foi fechado. Ninguém podia sair à rua. O enterro foi praticamente sem ninguém, éramos 12 pessoas contando o padre."

Jorge considera que a mãe, nagenária, conseguiu desfrutar dos últimos anos de vida à sua maneira. Seu espírito otimista pode ser resumido numa frase da protagonista: "Eu sei que a felicidade é um bem muito escasso. Devemos guardá-lo sobre o peito quando nos toca por perto, encher com ela todas as algibeiras da alma, para servir de escudo quando o seu oposto acontece".



Localizado na área de Beaubourg, em Paris, o Centre Georges Pompidou é um complexo que hospeda museu, biblioteca e centro de pesquisa

Por Matheus Rocha (Folhapress)

O Centro Pompidou, um dos museus mais importantes do mundo, terá uma versão brasileira na cidade de Foz do Iguaçu, município paranaense a cerca de 636 quilômetros de Curitiba. O acordo foi firmado entre o governador do Paraná, Ratinho Junior (PSD), e Laurente Le Bon, presidente do centro cultural francês.

Batizado de Museu Internacional de Arte de Foz do Iguaçu, a instituição custará R\$ 200 milhões e deve ser inaugurada até 2026. Ela levará ao público obras de artistas latino-americanos e trabalhos emprestados pelo Pompidou, espaço localizado em Paris que funciona como um centro multidisciplinar dedicado a correntes artísticas dos séculos 20 e 21.

A ideia é que a instituição brasileira tenha uma identidade parecida, mas não idêntica à do museu francês. “A gente quer construir um Pompidou com o nosso DNA latino-americano”,

Um Pompidou à brasileira

diz Luciana Casagrande Pereira, secretária de Cultura do Paraná.

“Vamos dar ênfase à realidade do nosso território, trazendo artistas da América Latina. Além disso, queremos promover um diálogo desses artistas contemporâneos com o acervo que eles têm na França.”

A latinidade se fará presente também no projeto arquitetônico do espaço, assinado pelo arquiteto paraguaio Solano Benitez --ganhador do Leão de Ouro da Bienal de Veneza em 2016. Além do renome internacional, ele foi escolhido porque costuma fazer projetos que respeitam as especificidades culturais dos lugares onde trabalha.

“Queríamos um nome que tivesse uma projeção interna-

Foz do Iguaçu terá versão do prestigiado museu francês. Projeto está orçado em R\$ 200 milhões e deve ser inaugurado até 2026

cional, mas que não fosse um estranho que não conseguisse respeitar o território”, diz Pereira.

A arquitetura é um elemen-

to importante, uma vez que o Pompidou é conhecido por sua sede transgressora.

Projetada pelos arquitetos Renzo Piano, Gianfranco Franchini e Richard Rogers, com a colaboração do britânico Edmund Happold, a edificação deixou muita gente em choque quando foi inaugurada, em 1977.

O prédio chegou a ser apelidado por franceses de “refinaria monstruosa” por lembrar um ambiente fabril.

O museu brasileiro, no entanto, não deve provocar a mesma celeuma. A ideia é apostar em elementos arquitetônicos que dialoguem com o meio ambiente. O objetivo é promover uma integração entre a estrutura do edifício, que ficará numa

área de 24.000 metros quadrados, e o território ao redor, localizado próximo do Parque Nacional do Iguaçu.

“Sustentabilidade é um ponto fundamental para a gente na construção desse novo museu”, diz a secretária.

As conversas com o Centro Pompidou para a construção do museu começaram em 2020, quando o governo do Paraná decidiu trazer uma instituição internacional para Foz do Iguaçu. Com isso, o poder público espera atrair mais turistas para a região e descentralizar o acesso à cultura.

“Vimos que o Centro Pompidou trabalha com satélites em países como Espanha e Bélgica. Mas ele ainda não tinha uma presença nas Américas.”

A instituição também gerou interesse por ter uma abordagem multidisciplinar. “Não queríamos um museu que trabalhasse apenas com artes visuais, mas que trabalhasse com outras linguagens, como cinema, música e dança”, diz Pereira. “E o Centro Pompidou tem o perfil que estávamos procurando.”

CRÍTICA / RESTAURANTE / CAJU GASTROBAR

O pecado é devorar

Por Cláudia Chaves

Especial para o Correio da Manhã

O enredo da Padre Miguel deste ano era o caju. E lá pelas tantas a escola canta O pecado é devorar. Assim, nos sentimos no Caju Gastrobar que está com novos pratos, incríveis e inovadoras misturas nos pestiscos, nos principais e nos coquetéis que dão vontade de provar toda a carta.

Fomos recebidos, com a simpatia e acolhimento ímpar, pelos sócios Carol, Carla, Daniel e seu companheiro Chico. E como cada drink remete a um deles, provamos o ótimo e refrescante Catharina, de Juliana Catharino que não

estava. Nenhum deles é das panelas, que são muito bem comandadas por Leandro. Em compensação eles sugerem pratos, as combinações das bebidas o que nos dá, de cara, o clima de harmonia.

Como o ambiente é pós-praia todo o tempo os salgadinhos fritos, com destaque ao ótimo bolinho de bacalhau coberto de panko, que transforma o popular em outro patamar com a crocância. Tudo é feito na casa, menos a massa do pastel que é, gloriosamente, de feira. E a criatividade está por toda a parte. O recheio de moela de pato é aquela massa da carne bem desfiada e temperada, que não passa um fio de ar.

Praia lembra o Nordeste, terra



Divulgação

O vinagrete de linguiça acompanha o pão de alho

do caju, e nesse clima pedimos dois pratos: carne de sol de filé mignon (total novidade) em bifeinhos fininhos, mal passados sem sangrar e o molho de queijo coalho que,

misturado com a pimenta, mas se colocando aos pouquinhos para saborear e sentir a brisa do mar – o Caju fica duas quadras da praia no vão da Princesa Isabel. O vinagrete

de linguiça, que acompanha o pão de alho, é para se comer de conchas com a linguiça bem miudinha e os temperos de estalar de tão frescos.

Os drinks tem nomes incríveis e surpreendentes, todos dados por Carol, correspondem a novos sabores: Fogo no Parquinho (cachaça com xarope de romã, laranja e compota de biquinho com mel), Tá de Sacanagem (cachaça envelhecida com Amaro, Aperol e purê de pêssego e um luxuoso espetinho de cebolinha e damasco seco) são dois exemplos. Assim, sabemos que o pós-praia é só uma indicação, porque o Caju Gastrobar, com a enorme variedade pode-se ir todo dia e a qualquer hora.

SERVIÇO

CAJU GASTROBAR

Praça Demétrio Ribeiro, 97C - Copacabana

De segunda a quinta (11h30 à 0h), sexta e sábado (11h30 à 1h) e domingos (11h30 às 23h)

NOTÍCIAS DA COZINHA

POR CLÁUDIA CHAVES

Tomas Velez/Divulgação



Aquecendo o inverno

Antes que o inverno acabe, corra para Chocolate Lugano, marca referência de Gramado, que preparou verdadeiras delícias que combinam muito com o tempo friozinho. A Mistura para Fondue de Chocolate ao Leite Lugano é novidade especial, perfeita para preparar um fondue de qualidade em casa para divertir as crianças. Outra preciosidade para esquentar os dias e as noites é a Lata de Capuccino em pó, com receita secreta, para fazer e degustar a bebida aonde quiser. E na maratona das séries ou na Olimpíada vá de bombons diversos ou com as drágeas de amêndoas.

Um tesouro gaúcho

O título de Vinícola do Ano do prestigiado guia Descorchados foi conquistado pela Vita Eterna, vinícola da familiar Tochetto situada em Pinto Bandeira (RS). Foi a melhor qualificada entre as cinco vinícolas brasileiras. Além do prestígio anual, a Vita Eterna teve sete rótulos ranqueados em: Top 10 Espumantes com o Nature, Vinho; Revelação com o Renoir Rosé; Melhores Serra Gaúcha, com o Laranja Natural; Melhores Brut, com o Brut Rosé; Melhores Rosé com Brut e Nature Rosé; e pontuações para Ancestral Pet Nat e Moscatel.

Divulgação



Tomas Velez/Divulgação



Árabes e mexicanos

Comida de qualidade, rápida, perfeita depois do cansaço do shopping ou para o pré ou pós cinema. O Juarez (comida mexicana) e o Kebab (árabe), ambos no shopping Nova América, oferecem descontos de 30% em suas lojas. No Juarez saboreia-se verdadeiros deliciosos clássicos mexicanos, que fazem sucesso pelas ruas da Cidade do México como os tradicionais tacos, burritos e quesadillas. Já o Kebab tem como especialidade o tradicional sanduíche árabe, preparado com carnes marinadas por um dia com temperos especiais para, depois, ser finalizadas em cozimento lento.